

OS PROCESSOS AUTOMÁTICOS E CONTROLADOS DE EXPRESSÃO DO PRECONCEITO

*“Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
Não sou eu quem me navega
Quem me navega é o mar
É ele quem me carrega
Como nem fosse levarÉ ele quem me carrega
Como nem fosse levar’
“Timoneiro” (PAULINHO DA VIOLA E
HERMÍNIO BELLO DE CARVALHO)*

A música acima diz sobre o quanto muito do que pensamos, sentimos e fazemos não passa pelo nosso controle consciente. Muitas vezes, sem que sequer percebamos, é o “mar” que nos navega. Isso acontece também em relação aos nossos preconceitos. Como vimos, eles são um tipo de atitude social, e, enquanto atitude, possuem uma dimensão submersa, resultado de um longo processo de socialização, por meios mais diretos e outros nem tanto. Esses submersos “sedimentos” de socialização preconceituosa impregnam nossa mente e se fazem manifestar em certos contextos de “descontrole”. Nesses casos, estamos falando de “atitudes implícitas”, definidas como sentimentos e avaliações não conscientes ou fora do controle voluntário dos indivíduos, que se expressam de maneira automática nos encontros intergrupais (GREENWALD & BANAJI, 1995).

Mais à frente, no capítulo sobre racismo, você verá que, na construção do fenômeno, existe uma dimensão referente a como nossa cultura nos ensina

ou incute em nós, sem que notemos, os estereótipos negativos dos grupos e as explicações preconceituosas para eles. Outra dimensão, a institucional, diz respeito ao modo como as instituições da sociedade manejam o preconceito promovendo a discriminação das minorias e, finalmente, uma dimensão individual, que reflete a gestão própria que cada pessoa faz das influências recebidas e como as retroalimenta ou as combate.

Na nossa imagem musical, a cultura é o mar que nos navega, as instituições o barco que nos transporta e o indivíduo o timoneiro, que embora nem sempre esteja consciente do percurso, deverá sempre ser reponsável pelo destino alcançado na viagem.

Neste tópico, abordaremos dois processos cognitivos que interferem na formação dos preconceitos: os processos controlados e os automáticos (ver Caixa 9). Também enfocaremos as expressões do preconceito; veremos que, enquanto uma atitude, ele pode ser expresso de forma implícita, privada ou pública. Os processos controlados são os responsáveis pelas *expressões públicas*; enquanto os processos automáticos respondem pelas suas *expressões implícitas*; outras expressões de preconceito, mais *privadas*, são governadas por posições intermediárias no *continuum* entre os processos automáticos e controlados (FAZIO & DUNTON, 1997).

CAIXA 9

Processos cognitivos automáticos e controlados

Um processo cognitivo controlado é definido como uma sequência de atividades intencionalmente iniciadas, no qual é necessário a atenção ativa para uma tarefa, a exemplo da leitura deste texto. Esse tipo de processo não pode ser conduzido simultaneamente com outros processos controlados sem alternância de tarefas ou desempenho prejudicado.

Um processo automático é definido como uma sequência de atividades cognitivas que são iniciadas sem controle ativo do organismo, requerendo quase nenhuma atenção para a tarefa em questão. Esses processos são sequências de eventos aprendidos e mantidos na memória de longo prazo, que são desencadeadas por fenômenos específicos e sem a necessidade esforço consciente. Exemplos de processos automáticos são reconhecer as palavras escritas nesse texto ou rostos de pessoas conhecidas. Enquanto lê o texto, sem perceber, reconhece as palavras que o compõe, se durante a leitura um parente lhe interrompe, não será preciso repetir mentalmente “esta senhora é a minha mãe”, para saber que ela lhe chama.

Retirado de https://psychology.wikia.org/wiki/Automatic_and_controlled_processes

3.1. “APERTEM OS CINTOS! O PILOTO SUMIU”: CONTROLE E AUTOMATICIDADE DO PRECONCEITO

Vamos iniciar este tópico com dois exemplos de processos automáticos. “Imagine que você está andando sozinho numa rua escura a altas horas da noite, ao seu encontro, em largas passadas, vem uma outra pessoa. Imagine que a outra pessoa é um negro, e que ele parece olhar fixamente para você. Qual seria a sua reação? O coração poderia acelerar. As suas mãos talvez começassem a suar um pouco e você se enfiasse nos bolsos sem saber bem porque. A pessoa cruza então com você e, num gesto simpático, lhe cumprimenta. Qual seria agora a sua reação? Talvez se sentisse constrangido pelas reações que teve segundos atrás, talvez se culpasse por elas e questionasse o seu autoconceito de pessoa igualitária e sem preconceitos. Talvez resolvesse tudo dizendo algo do tipo ‘este foi só um impulso de autodefesa’. Ou, talvez, nem percebesse o que se passou.” (LIMA & VALA, 2004a, p. 41).

Uma certa vez, em uma reunião de um grupo de pesquisa que estuda preconceito, estávamos discutindo argumentos **contrários à** adoção de crianças por casais homossexuais de sexo masculino. Dentre os argumentos, havia um que, usando uma suposta leitura da Psicanálise, defendia ser perigosa a adoção porque não haveria modelos de identificação masculina para os meninos adotados, e, assim, eles tenderiam a ser homossexuais também. Na discussão, argumentávamos que tratava-se de uma leitura “selvagem” da psicanálise e que tal tese não fazia sentido. Somente depois de uma meia hora de argumentos desse tipo, a “ficha caiu” e percebemos que estávamos assumindo um postulado preconceituoso, que aceitava a tese de que a homossexualidade era algo negativo que deveria ser evitado.

Os dois exemplos referidos indicam que existe uma parte das atitudes preconceituosas que está submersa, que não percebemos imediatamente e muitas vezes nem chegamos mesmo a identificar. Trata-se do “monstro” do preconceito implícito, aquele que se alimenta de processos cognitivos automáticos ou não controlados pela consciência.

Um processo cognitivo é automático quando: não é controlado, não é intencional, não é autônomo, não é consciente, quando é independente de um objetivo e é mais governado pelas expectativas que pela objetividade dos estímulos (RENSINK, 2013). Ou, ainda, automático é o processo mental no qual está ausente pelo menos um dos seguintes quatro atributos presentes no processamento da informação: consciência, não-eficiência, intencionalidade e controle (WEGNER & BARGH, 1998). A *consciência* implica em ter conhecimento do estímulo que

desencadeia o processo, saber interpretá-lo e deliberar sobre os julgamentos acerca dele. A *não-eficiência* refere-se ao gasto de recursos atencionais ou cognitivos durante o processamento. A *intencionalidade* refere-se à decisão voluntária de iniciar ou não o processamento da informação. Finalmente, o *controle* é a capacidade gerenciar ou mesmo parar o processo (BARGH, 1994). Na Tabela 2, apresentamos uma esquematização dos atributos associados ao processamento dual da informação: controlado vs. automático. Nela, são considerados quatro eixos: o da consciência, da evolução, das características funcionais e das diferenças individuais.

Tabela 2: Conjuntos de atributos associados ao processo dual de pensamento

Processo Cognitivo Automático	Processo Cognitivo Controlado
Eixo 1 (Consciência)	
Não consciente ou pré-consciente	Consciente
Implícito	Explícito
Automático	Controlado
Baixo esforço	Alto esforço
Rápido	Lento
Alta capacidade	Baixa capacidade
Processo padrão	Inibitório
Holístico, perceptivo	Analítico, reflexivo
Eixo 2 (Evolução)	
Evolutivamente antigo	Evolutivamente recente
Racionalidade evolutiva	Racionalidade individual
Compartilhado com animais	Exclusivamente humano
Não verbal	Ligado à linguagem
Cognição modular	Inteligência fluida
Eixo 3 (características funcionais)	
Associativo	Baseado em regras
Domínio específico	Domínio geral
Contextualizado	Abstrato
Pragmático	Lógico
Paralelo	Sequencial
Estereotipizador	Individualizador
Eixo 4 (diferenças individuais)	
Universal	Apreendido
Independente da inteligência geral	Ligado à inteligência geral
Independente da memória de trabalho	Limitado pela capacidade de memória de trabalho

(Extraído de Evans (2008, p. 257)

Evans (2008) afirma que as teorias que propõem os chamados processos duais, essas que afirmam que cognitivamente funcionamos em dois módulos: automático vs. controlado, surgiram na década de 1980 na psicologia cognitiva

com os estudos sobre memória implícita, e se desenvolvem a partir do final da década de 1990. Os modelos duais são importantes para o entendimento de um conjunto amplo de temas que nos interessam na psicologia, a exemplo de julgamentos sociais envolvendo estereótipos e preconceitos, tomada de decisões e mudança de atitudes. Surgem, inclusive, teorias baseadas nesses modelos para explicar o “eu”. É o caso da Teoria do Eu Experiencial e Cognitivo - CEST (EPSTEIN, 1994), que propõe que nós funcionamos com base em dois tipos de registro: um experiencial e outro racional. O primeiro nos vincularia às nossas origens evolutivas, sendo automático e comum a outros animais. O segundo seria exclusivamente humano, controlado, e nos vincula a uma cultura.

Seja qual for o modelo ou teoria dual adotado, importante referir que não existe uma oposição dicotômica entre processos mentais automáticos e controlados. A psicologia cognitiva afirma a inexistência de processos puros, eles transitam num *continuum* do automático ao controlado (BARONE, MADDUX, & SNYDER, 1997; JACOBY, KELLEY, & MCELREE, 1999). Essa oposição seria similar a outras falsas dicotomias, tais como processos não intencionais vs. processos intencionais, respostas intuitivas vs. respostas elaboradas, processos involuntários vs. processos voluntários, processamento heurístico vs. processamento sistemático, processos inconscientes vs. processos conscientes (ver GARCIA-MARQUES, 1998 para uma revisão). Na Figura 7, podemos ver que há um trânsito entre processos automáticos e controlados e que os níveis de inibição social ou controle normativo modulam as expressões mais veladas, muitas vezes implícitas, e as mais flagrantes ou visíveis de preconceito.

Figura 7: Processos automáticos e controlados e expressões do preconceito

INIBIÇÃO	
FÁCIL	DIFÍCIL
Preconceito flagrante Discriminação aberta Distribuição de recompensas Preconceito moderno	Reações fisiológicas <i>priming</i> Latência de resposta Teste de Associação Implícita Comportamentos não verbais Contato visual Preconceito linguístico Preconceito sutil
PROCESSOS CONTROLADOS	PROCESSOS AUTOMÁTICOS

(Retirada de MAASS, CASTELI, & ARCURI, 2000, p. 97)

A presença de um membro de uma categoria ou mesmo de algum signo ligado a essa dispara processos automáticos de estereotipia e preconceito (LIMA & VALA, 2004a). A psicologia cognitiva considera que a automaticidade é o *default* ou condição inicial no processamento de informações aplicado nas percepções sociais, aquelas que ocorrem quando encontramos membros de outros grupos sociais (BARGH, 1996; BREWER, 1988; DEVINE, 1989; FISKE & NEUBERG, 1990). Nesse sentido, as expressões de preconceito dependem do tipo de processamento da informação.

3.2. AS EXPRESSÕES DO PRECONCEITO, OS PROCESSOS COGNITIVOS E FORMAS DE PESQUISA

A psicologia social analisa várias formas de difusão do preconceito, algumas mais implícitas e outras mais explícitas. Há também diferenças individuais na capacidade de perceber o preconceito nas mensagens, algumas pessoas percebem de imediato, outras não. Não obstante essas diferenças, algo inegável é que essas formas menos diretas de socialização das atitudes intergrupais são as mais poderosas e difíceis de controlar e combater. Vamos, em seguida, discorrer sobre elas considerando os níveis de expressão das atitudes preconceituosas.

3.2.1. Atitudes implícitas

No livro *Admirável Mundo Novo*, Aldous Huxley descreve uma distopia, onde o controle social é conduzido por uma série de procedimentos de condicionamento e de drogas psicoativas. A hipnopédia é uma dessas técnicas, ela consiste em ensinar as máximas do controle social enquanto o indivíduo dorme, por repetições intensivas de mensagens: “Cem repetições, três noites por semana, durante quatro anos, pensou Bernard Marx, que era especialista em hipnopédia, sessenta e duas mil repetições fazem uma verdade.” (HUXLEY, 1979, p. 32). A cultura faz conosco algo semelhante em relação aos estereótipos e preconceitos. Eles são transmitidos culturalmente e assimilados pelos indivíduos muitas vezes de forma automática, quase que inconscientemente, “enquanto nossa consciência dorme”, através de associações, repetições, enfim, produção de hábitos.

Repare agora na Figura 8, ela lhe causa alguma estranheza, para além da qualidade gráfica? Você acha que a maioria dos seus conhecidos perceberiam algo “estranho” na tal figura? A imagem retratada pode ser usada como exemplo de transmissão cultural do preconceito. Ela foi publicada na edição do dia 12 de outubro de 2019 do *Jornal Correio Brasiliense*, a matéria da “Coluna 360 Graus”

era comemorativa do dia das crianças e trazia essa foto, na qual aparecem 27 crianças e a mensagem “Elas são o futuro do Brasil”. Você notou que todas as crianças são brancas, a maioria loira. O jornal, depois de uma enxurrada de protestos nas redes sociais, declarou que “A coluna 360 Graus publicada no Dia da Criança não representa a postura e a opinião do Correio Braziliense”, e retirou a referida foto do seu portal.

Figura 8: Foto da Edição da Coluna 360° do Correio Braziliense 12/10/19^{XV}



Essas expressões implícitas de preconceito são ações e avaliações que estão fora da capacidade de percepção e controle racional do indivíduo. Elas podem ser definidas como sentimentos e avaliações não conscientes ou fora do controle voluntário, que se expressam de maneira automática nos encontros intergrupais (GREENWALD & BANAJI, 1995). Dessa forma, as normas sociais de controle das expressões preconceituosas, normas antipreconceito, não interferem ou interferem pouco nessas atitudes. Esse fato tem impacto na forma de pesquisar as atitudes implícitas.

Os modos de pesquisar as atitudes implícitas na psicologia social podem ser classificados em três níveis. No nível cognitivo, destacam-se os testes de associação estereotípica, a exemplo de testes de memória implícita, como o Teste de Associação Implícita (Implicit Association Test). No nível afetivo, utilizam-se

métodos psicofisiológicos, como o reflexo galvânico, o ritmo cardíaco etc. Já no nível comportamental, destacam-se os estudos sobre comportamentos não verbais, a exemplo de contato visual. Todavia, na psicologia social, merecem destaque as pesquisas que analisam o preconceito implícito utilizando procedimentos de *priming* e técnicas de latência de resposta.

Procedimentos do tipo priming

O termo “*priming*” não tem boa tradução para o português, significa algo como “preparação” e refere-se a uma técnica para estudar como o contexto influencia o desempenho (ver Caixa 10). Tal técnica envolve a avaliação das respostas comportamentais, emocionais e cognitivas a um segundo estímulo (alvo) em função de sua relação com um primeiro estímulo ativador (o *prime*) (HUMPHREYS, 1990). Quanto ao conteúdo, os *primings* podem ser do tipo semântico ou de repetição. Os semânticos são aqueles que possuem um significado, tal como um estímulo que traz uma informação significativa, por exemplo fotografias de pessoas, que se associa numa tarefa posterior ao rótulo verbal “negros”. Nos *primings* repetitivos, o estímulo é repetido, por exemplo, fazer alguém ouvir a palavra “homossexual” facilita o reconhecimento dessa palavra numa tarefa posterior (STERNBERG & STERNBERG, 2012). Os *primings* podem ainda ser subliminares ou supraliminares, mesmo que haja muita polêmica sobre os limiares de consciência e eles variem de pessoas para pessoa e de estímulo para estímulo (CORREIA, 2001), o exemplo da hipnopedia citado por Huxley seria o de um *priming* subliminar, uma vez que as pessoas submetidas se encontram dormindo e por isso não estão conscientes dele. Já, no caso da foto sobre o futuro do Brasil, trata-se de um *prime* supraliminar, nossa consciência é capaz de perceber que o futuro do Brasil pertence às crianças e muitos percebem ainda que “somente às brancas”.

CAIXA 10 **Priming**

O *priming* é um efeito implícito da memória no qual a exposição a um estímulo influencia uma resposta a um estímulo posterior. Pode ocorrer após a repetição de estímulos perceptivos, semânticos ou conceituais. Por exemplo, se uma pessoa lê uma lista de palavras que inclui a palavra “tabela”, e mais tarde é solicitada a conclusão de uma palavra que começa com “tab”, a probabilidade de que ela responda “tabela” é maior do que se não ela tivesse lido a lista antes.

Retirado de <https://psychology.wikia.org/wiki/Priming>

Técnicas de latência de respostas

As técnicas de latência de resposta consideram a dimensão da eficiência dos processos cognitivos, para afirmar que quanto mais rápida uma resposta mais eficiente ela é, pois gastou menos recursos cognitivos para ser emitida. Em consequência, mais automática e não consciente é a mesma. Um bom exemplo de técnica para avaliar latência de respostas e, assim, detectar estereotipia automática e mesmo preconceito implícito é o Teste de Associações Implícitas (TAI), desenvolvido por Greenwald, McGhee e Schwartz (1998). Trata-se de uma técnica que associa um determinado conceito ou categoria-alvo a uma dimensão avaliativa. Por exemplo, Homossexuais ou atributos negativos *versus* Heterossexuais ou atributos positivos. O TAI registra o tempo (latência) para realizar as associações. Neste endereço (<https://implicit.harvard.edu/implicit/brazil/>), você pode ver como funciona e, se for corajoso, pode até se submeter ao teste.

3.2.2. As atitudes privadas

Num segundo nível do “*iceberg*” que são as atitudes raciais, encontram-se as *expressões privadas* de preconceito. Essas derivam daquilo que os indivíduos pessoalmente pensam e sentem sobre as minorias sociais (LIMA, 2002). Para usar uma imagem da psicanálise freudiana, é como se o nível privado fosse o Ego, pressionado de um lado pelo implícito e descontrolado Id, e de outro, pelo explícito e normativo Superego. As pressões, nesse caso, derivam, por um lado, das crenças coletivas ou estereótipos negativos sobre os grupos minoritários automatizados nas nossas mentes e, por outro, das normas antipreconceito e do nosso desejo de sermos pessoas igualitárias, os quais dependerão de nossas experiências pessoais e do tipo de socialização recebida.

As atitudes preconceitosas de nível privado resultam dos modelos e ideais pessoais que cada indivíduo considera importante para si mesmo, ou de uma espécie de conciliação entre aquilo que realmente se sente e pensa acerca dos membros dos grupos minoritários e aquilo que socialmente é permitido pensar e sentir sobre eles. Pode-se afirmar que este tipo de atitude resulta da ambivalência entre as crenças pessoais e os estereótipos culturais sobre os grupos (DEVINE, 1989; DEVINE & MONTEITH, 1993). Elas se manifestam em contextos nos quais nos sentimos à vontade, não vigiados, tais como os das relações de amizade e íntimas. O preconceito, nesse nível, aparece “na linha d’água” do nosso *iceberg*, se esconde nas ondas, mas é visível nas “calmarias”.

Para avaliar esse tipo de expressão do preconceito, a partir das décadas de 1960 e 1970, são desenvolvidas medidas mais indiretas e sutis. Estas medi-

das podem ser exemplificadas pela escala de preconceito moderno (McCONAHAY, 1986), as escalas “Pro-Black” e “Anti-Black” (KATZ & HASS, 1988), e a escala de preconceito sutil (PETTIGREW & MEERTENS, 1995), o Inventário de Sexismo Ambivalente (GLICK & FISKE, 1996), a escala de idadeísmo ou ageísmo de Fraboni (FRABONI, SALTSTONE, & HUGHES, 1990), escalas de homofobia (WRIGHT, ADAMS, & BERNAT, 1999). Outra importante estratégia de pesquisa desse nível atitudinal é a atribuição diferenciada de emoções secundárias (sentimentos), proposta por Leyens e colaboradores (LEYENS et al., 2000; LEYENS et al., 2001). E, ainda, a atribuição diferenciada de características culturais (unicamente humanas) e naturais (também humanas) nas representações sociais construídas sobre os grupos minoritários (HASLAM, 2006; MOSCOVICI & PÉREZ, 1999).

3.2.3. As atitudes públicas

Finalmente, a parte mais visível do *iceberg* que são as expressões do preconceito é a das *atitudes públicas*. A esse nível, os indivíduos são instados e sancionados socialmente para apresentarem-se como não preconceituosos e igualitários (DEVINE & ELLIOT, 1995). Tais atitudes refletem, de forma mais evidente, as pressões das normas e convenções sociais. Quando a norma predominante numa sociedade é antipreconceito, as atitudes raciais públicas individuais tendem a ser não preconceituosas. Nesse nível de expressão, o preconceito pode ser captado por medidas diretas, tais como escalas de distância social, que indagam sobre escolhas de membros de minorias para interações sociais variando níveis de intimidade. Por exemplo, você se oporia a ter como chefe uma mulher? Se oporia a dividir quarto com um homossexual? Se casaria com um(a) negro(a)? Ou ainda escalas de preconceito flagrante, que indagam sobre a crença da inferioridade cultural dos imigrantes (PETTIGREW & MEERTENS, 1995). Ou escalas de estereótipos, como a clássica de Katz e Braly (1933), que propõem uma descrição aberta das minorias sociais em termos de características positivas e negativas.

3.3. SINTETIZANDO: É POSSÍVEL VENCER O MONSTRO DA AUTOMATICIDADE DO PRECONCEITO?

Então chegamos ao fim desse tópico e restam muitas questões a responder. A fundamental delas é aquela que aparece na nossa música de entrada: Quem nos navega? Nós ou o mar? Na psicologia social, as teorias e pesquisas nos mostram que muitos dos nossos comportamentos sociais, mesmo os mais

complexos, podem ser amplamente guiados por motivos não conscientes ou automáticos (EVANS, 2008); de tal forma que, muitas vezes, nosso único “chão” é a ilusão de controle. Todavia, existem propostas, chamadas de modelos da dissociação, que demonstram que nossas crenças pessoais podem ser alteradas quando em confronto com crenças coletivas (DEVINE, 1989), ou seja, mudando nossas atitudes explícitas, podemos manter as implícitas sob controle e com o tempo até alterá-las.

A imagem clínica de uma doença, cuja causa se liga a processos automáticos, pode nos ajudar a explicar melhor como vencer o “monstro” do *default* do automático nos julgamentos sociais e no preconceito. Pense em alguém que sofre de compulsão para comer muito ou para jogos de azar. Essa pessoa não sabe bem porquê sente esses impulsos automáticos e nem sempre percebe que já começou a comer ou a jogar. Mas ela é capaz de iniciar um processo de automonitoramento se puder contar com ajuda de outros, se perceber que as compulsões fazem mal e se achar que a sociedade valoriza a mudança. Portanto, o esforço racional (individual e coletivo) pode inibir e mesmo extinguir o indesejável comportamento automático ou não controlado. Evans (2008) chama essa estratégia de “*default-intervencionista*”. Ou seja, podemos alterar o modo defeituoso de funcionamento emocional, cognitivo e social que nossa cultura preconceituosa introduziu em nós através do esforço de mudança.

Compare os seus níveis de racismo, sexismo e homofobia com o de seus pais, compare agora o dos seus pais com o de seus avós. Imagino que esse breve exercício intergeracional tenha indicado que você navega mais o “mar” e que eles eram mais navegados. O que mudou? Mudou o “mar”. As normas de combate ao preconceito são mais salientes e fortes na sua geração do que eram na deles, demonstrando como é importante lutarmos no campo social por uma sociedade que respeite e valorize as diferenças e no campo político por ações de proteção e empoderamento das minorias. Mudou o barco! As instituições sociais, a exemplo das escolas, tornaram-se mais cômicas da importância da luta contra o preconceito. Mudou você! O exercício do controle cultural, como vimos, altera a parte submersa do nosso “iceberg”, “derretendo o gelo”. Além disso, é muito provável que você tenha tido mais chances sociais e mais acesso a informações que ajudaram a demonstrar a imprecisão e a injustiça dos estereótipos contra as minorias sociais.

Não obstante essa mudança intergeracional, sabemos que o preconceito ainda existe e que pode estar aumentando no Brasil atual. Por quê? O que continua a alimentar o monstro? A automaticidade resulta de encadeamentos de redes

associativas, de imagens negativadas que representam os grupos minoritários como sem valor. Tais imagens são racionais, estratégicas, pois cumprem a função de legitimar e tornar natural as desigualdades entre os grupos, ou ainda de legitimar uma forma cultural (visão de mundo) pela oposição à outra (LIMA & VALA, 2004a) Nesse cenário, do ponto de vista individual, é importante trabalhar no controle crítico dos mecanismos que alimentam a automaticidade; do ponto de vista intelectual, social e político, é preciso desnudar e combater os dispositivos ideológicos que produzem em larga escala as tais redes associativas. Essa discussão será aprofundada mais à frente nesse livro, quando estivermos analisando as formas de combate aos preconceitos e racismo.